



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

KAROLINE COSTA CAVALCANTE

**ENSINO DE CRIANÇAS AUTISTAS: EXPLORANDO VIVÊNCIAS DE
PROFESSORAS DO FUNDAMENTAL I EM ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS**

**CAMPINA GRANDE
2023**

KAROLINE COSTA CAVALCANTE

**ENSINO DE CRIANÇAS AUTISTAS: EXPLORANDO VIVÊNCIAS DE
PROFESSORAS DO FUNDAMENTAL I EM ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado ao Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Área de concentração: Educação inclusiva

Orientador: Prof. Dra. Tatiana Cristina Vasconcelos

**CAMPINA GRANDE
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C376e Cavalcante, Karoline Costa.
Ensino de crianças autistas [manuscrito] : explorando vivências de professoras do fundamental I em escolas públicas e privadas / Karoline Costa Cavalcante. - 2023.
43 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Tatiana Cristina Vasconcelos, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC. "

1. Educação inclusiva. 2. Práticas de ensino. 3. Transtorno do Espectro Autista - TEA. I. Título

21. ed. CDD 371.9

KAROLINE COSTA CAVALCANTE

ENSINO DE CRIANÇAS AUTISTAS: EXPLORANDO VIVÊNCIAS DE PROFESSORAS DO FUNDAMENTAL I EM ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado ao Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Área de concentração: Educação inclusiva

Aprovada em: 07/12/2023.

BANCA EXAMINADORA

Tatiana Cristina Vasconcelos

Profa. Dra. Tatiana Cristina Vasconcelos (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Livânia Beltrão Tavares

Profa. Dr^a. Livânia Beltrão Tavares
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Luana Micaelhy da Silva Morais

Profa. Me. Luana Micaelhy da Silva Morais
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, por ter me dado coragem e força durante todo o período da graduação.

Agradeço aos meus pais, Maria da Conceição e Sandmarcos Cavalcante, pelo amor incondicional, apoio constante e sacrifícios que fizeram para que eu pudesse chegar até aqui. Vocês sempre serão minha maior fonte de inspiração. A minha tia, Sandra Pereira, que sempre me apoiou. Ao meu namorado, Arthur Leal, por toda compreensão e incentivo durante esse período.

Agradeço aos meus amigos, Amanda Judite, Esdras Bandejas e Rayana Cordeiro, que sempre me apoiam e me ajudaram em toda essa caminhada. Aos amigos que fiz ao longo da graduação, Aurora Leal, Keven Pereira, Larissa Vitoria e Melissa Lira, que compartilharam comigo momentos de alegria, tristeza, raiva e por todas as palavras de incentivo.

Agradeço a minhas professoras, Livânia Beltrão e Luana Miacelhy, pelos ensinamentos ao longo desses anos.

E por fim, agradeço à minha orientadora, Tatiana Vasconcelos, por sua paciência e orientação cuidadosa que contribuíram significativamente para o desenvolvimento deste trabalho. Sua mentoria foi crucial para meu crescimento acadêmico e profissional.

RESUMO

Este estudo focaliza o ensino de crianças autistas em escolas públicas e privadas, objetivando investigar e analisar as práticas de ensino e suporte oferecido a esses alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O presente estudo apresentou uma pesquisa de campo, do tipo exploratória, com abordagem qualitativa que contou com a participação de professores(as) que atuam em escolas públicas e privadas do Ensino Fundamental I, no município de Campina Grande-PB. A coleta de dados envolveu entrevistas presenciais de aproximadamente 10 minutos cada. A Técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (2011) para categorização e interpretação dos dados. Autores como Gonsalves (2001), Silberman (2015) e Oliveira (2020) embasaram o estudo, e os resultados indicaram que, embora as escolas privadas apresentem menor disponibilidade de recursos, os alunos desse contexto possuem maior acesso a tratamentos especializados externos. Vale ressaltar que a adaptação curricular em ambas as escolas é, em grande parte, uniforme. À vista disso, faz-se necessário repensar estratégias educacionais para promover uma abordagem mais equitativa e inclusiva para crianças autistas.

Palavras-chave: Educação Inclusiva; Práticas de Ensino; Transtorno do Espectro Autista.

ABSTRACT

This study focuses on the learning of autistic children in public and private schools, aiming to investigate and analyze the teaching practices and support offered to these students with Autism Spectrum Disorder (ASD). The present study presented qualitative research that was conducted in Campina Grande, interviewing public and private elementary school teachers. Data collection involved face-to-face interviews lasting approximately 10 minutes each. The Bardin method was used as a content analysis method for data categorization and interpretation. Authors such as Freire (1970), Gonsalves (2001), Silberman (2015) and Oliveira (2020) supported the study. The results indicate that, although private schools have less availability of resources, students in this context have greater access to external specialized treatments. It is worth mentioning that the curricular adaptation in both schools is, to a large extent, uniform. In view of this, it is necessary to rethink educational strategies to promote a more equitable and inclusive approach to autistic children.

Keywords: Inclusive education; Teaching Practices; Autism Spectrum Disorder.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Etapas do processo de análise de conteúdo	22
Figura 2 -	Eixos temáticos desenvolvidos com base nas entrevistas	23
Figura 3 -	Gráfico de professores que possuem formação específica	25
Figura 4 -	Gráfico de alunos que recebem tratamento fora do ambiente	37

LISTA DE TABELAS

Quadro 1 -	Eixos temáticos e categorias temáticas da pesquisa	24
Quadro 2 -	Atitudes e Sentimentos em Relação ao Ensino para Crianças autista, categorias e quantidades de respostas	26
Quadro 3 -	Recursos Disponíveis e Utilizados na Escola para crianças autistas, categorias e quantidade de respostas	28
Quadro 4 -	- Melhorias Necessárias na Disponibilidade e Utilização de Recursos, categorias e quantidade de respostas	30
Quadro 5 -	Adaptação do Currículo para Necessidades Individuais, categorias e quantidades de respostas	32
Quadro 6 -	Promoção da Interação Social, categorias e quantidade de respostas	34

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE - Atendimento Educacional Especializado

APA - Associação Americana de Psiquiatria

DSM - Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais

TEA - Transtorno do Espectro Autista

TGD - Transtorno Global do Desenvolvimento

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1 Transtorno do Espectro Autista: histórico e conceituação.....	13
2.2 Neurodiversidade no contexto autista.....	16
2.3 Aprendizagem escolar de crianças autistas.....	19
3. METODOLOGIA	21
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	24
4.1 Formação ou treinamento específico para o ensino de crianças autistas.....	25
4.2 ET1 - Atitudes e Sentimentos em Relação ao Ensino para Crianças autista.....	26
4.3 ET2- Recursos Disponíveis e Utilizados na Escola para crianças autistas.....	28
4.4 ET3 - Melhorias Necessárias na Disponibilidade e Utilização de Recursos.....	30
4.5 ET4 - Adaptação do Currículo para Necessidades Individuais.....	32
4.6 ET5 - Promoção da Interação Social.....	34
4.7 Alunos com diagnóstico que recebem tratamento especializado.....	36
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	40
ANEXO A – Roteiro da entrevista	42

1. INTRODUÇÃO

O processo de ensino e aprendizagem de crianças autistas é um tema de significativa relevância na atualidade, sendo alvo de crescente atenção por parte da comunidade acadêmica, dos profissionais da educação e da sociedade em geral. O autismo, é um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta a comunicação, a interação social e o comportamento, apresenta desafios únicos no contexto educacional. A busca por estratégias eficazes que promovam a inclusão e o desenvolvimento pleno de crianças autistas tem sido uma pauta importante na educação.

A educação inclusiva é um dos pilares fundamentais do sistema educacional em todo o mundo, buscando garantir que todas as crianças, independentemente de suas diferenças e necessidades, tenham acesso a uma educação de qualidade. O ambiente escolar desempenha um papel fundamental na vida de todas as crianças, e para aquelas com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), a escola é um espaço onde devem não apenas adquirir conhecimento acadêmico, mas também desenvolver habilidades sociais, emocionais e de autogestão.

Portanto, a educação inclusiva se apresenta como um caminho a ser percorrido, buscando atender às necessidades individuais de cada criança, independentemente de suas capacidades. No entanto, a inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas escolas, sejam elas públicas ou privadas, apresenta desafios específicos que têm implicações significativas para a aprendizagem e o desenvolvimento dessas crianças.

Conforme Laloni (2022), a inclusão na educação é um direito universal para todas as crianças, independentemente de suas características distintas. No caso das crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), a participação na escola oferece uma chance valiosa para adquirir conhecimento e se desenvolver ao lado de colegas, promovendo o aprimoramento de suas habilidades e potencialidades.

A justificativa para este estudo se alinha à necessidade de ir além das discussões teóricas e oferecer uma visão prática e aplicável sobre como a aprendizagem de crianças autistas é efetivamente conduzida nas escolas. A obtenção de conhecimentos diretamente a partir da perspectiva dos educadores é crucial para

entender os desafios práticos enfrentados no dia a dia, bem como para identificar as melhores práticas que podem ser replicadas e aprimoradas em ambos os contextos.

A partir disso, foram levantadas as seguintes questões: Como é a realidade de professores que ensinam crianças autistas no ensino regular? Há diferenças entre escolas públicas e privadas no contexto da inclusão de crianças autistas?

Diante disso, este trabalho tem como objetivo central compreender como se dá a inclusão de crianças autistas em escolas públicas e privadas, segundo professores do Ensino Fundamental I. Já os específicos são: Descrever as práticas de professores(as) do Fundamental I de escolas públicas e privadas no contexto de alunos com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e verificar as estratégias de ensino utilizadas pelas professoras para atender às necessidades educacionais das crianças autistas, tanto em escolas públicas quanto em escolas privadas.

Para alcançar esses objetivos, foi feita uma pesquisa de campo que envolveu entrevistas com professores que atuam no Ensino Fundamental I. Esse método permitiu coletar dados sobre as práticas pedagógicas, as estratégias de ensino, os desafios enfrentados e as percepções dos professores em relação à aprendizagem de crianças autistas.

Este estudo está estruturado para proporcionar uma compreensão abrangente do processo de ensino-aprendizagem de crianças autistas em escolas públicas e privadas. O referencial teórico, dividido em três partes, começa explorando o histórico e a conceituação do Transtorno do Espectro Autista (TEA) fornecendo uma base sólida para entender as raízes e a evolução do diagnóstico. Em seguida, aborda a neurodiversidade no contexto autista, reconhecendo a importância de considerar a variabilidade de habilidades e características das pessoas com TEA. A terceira parte do referencial teórico explora a aprendizagem escolar de crianças autistas, investigando as abordagens pedagógicas e a inclusão em sala de aula. A metodologia detalha a abordagem de pesquisa, incluindo a entrevista com professores, enquanto os resultados e discussões apresentam as descobertas, análises e interpretações provenientes dessas entrevistas. Por fim, as considerações finais encapsulam as implicações práticas e teóricas do estudo, destacando a relevância dos resultados para a promoção de ambientes educacionais mais inclusivos e eficazes para crianças autistas.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Transtorno do Espectro Autista: histórico e conceituação

O Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - V (DSM-V) define o autismo como, um transtorno de neurodesenvolvimento, caracterizado por déficits na capacidade de comunicação social, e por um padrão de comportamento, como, interesses, atividades restritas e repetitivas, que são atípicos ou excessivos para o indivíduo. Os sintomas do autismo podem variar consideravelmente de uma pessoa para outra, mas normalmente inclui dificuldades na comunicação, interação social e comportamento repetitivos (APA, 2014).

Os comportamentos repetitivos tendem a incluir movimentos repetitivos, rotinas rígidas e interesses intensos. Algumas pessoas com autismo podem ser hipersensíveis a estímulos como, luz, cheiro, sons e texturas. O diagnóstico é fundamentado baseado em uma avaliação do comportamento e desenvolvimento da pessoa, o diagnóstico é feito por profissionais da saúde como, psicólogos, psiquiatras e psicopedagogos.

O autismo é uma condição neurológica complexa e diversa, que tem sido objeto de estudo e compreensão ao longo da história da humanidade. O termo autismo foi criado em 1908 pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler (1857-1939), ele usou o termo pela primeira vez em 1911 para descrever alguns pacientes que faziam fuga da realidade para um mundo interior. Bleuler não estudou especificamente o autismo, mas suas contribuições para o entendimento da esquizofrenia e das funções mentais foram cruciais para o desenvolvimento do conceito de autismo.

De acordo com Lacerda e Liberalesso (2020), os primeiros diagnósticos de autismo foram efetuados pelo psiquiatra austríaco Leo Kanner (1894-1981), em 1943, Leo Kanner publicou um artigo "*Autistic Disturbances of Affective Contact*" para o jornal "*Nervous Child*". Nele, ele descreveu uma experiência em que acompanhou onze crianças, sendo oito meninos e três meninas, Kanner identificou que as crianças tinham comportamento semelhante, como tendência ao isolamento e que não suportavam mudanças em seu ambiente físico. Ele usou o termo "autismo infantil precoce" para descrever a condição e isso foi considerado o início da identificação do autismo.

O pediatra austríaco Hans Asperger (1906-1980), ele trabalhava no Hospital Universitário de Viena, onde observou e tratou crianças com dificuldades sociais e de comunicação. Lacerda e Liberalesso (2020) mostram que Asperger notou que algumas crianças tinham obstáculos sociais e de comunicação, mas apresentavam habilidades brilhantes em áreas específicas, como a memorização de informações detalhadas. Ele chamou a condição de “psicopatia autista infantil” e em 1944 publicou um artigo chamado “*Autistic Psychopathy in Childhood*” pontuando suas observações. Ainda que a pesquisa de Asperger tenha sido interrompida durante a segunda guerra mundial, ela foi redescoberta anos depois por Lorna Wing.

De acordo com Araujo, Silva e Zanon (2023), Lorna Wing (1928-2014) foi uma médica psiquiatra inglesa que fez grandes contribuições para o campo do autismo. Ela é conhecida por seu trabalho no conceito de “espectro autista” e por evidenciar o termo “síndrome de Asperger”. Lorna Wing conduziu pesquisas sobre autismo, evidenciando a importância de compreender o autismo como espectros com diferentes graus e características. Em 1980, apresentou pela primeira vez a teoria das três principais áreas de dificuldades de pessoas com autismo, que ficou conhecido como tríade de Lorna Wing. As três áreas da tríade são:

1 - Dificuldades na interação social: Dificuldades de interação verbal e não verbal, como iniciar ou manter uma conversa, falta de contato visual ou dificuldades em leituras de expressões facial e linguagem corporal.

2 - Dificuldades na comunicação: Algumas pessoas com TEA podem ter atraso no desenvolvimento da fala ou podem apresentar dificuldades na expressão e compreensão da linguagem. Podem apresentar padrões de falas repetitivas.

3 - Padrões restritos e repetitivos de comportamento e interesses: Envolve a presença de comportamentos repetitivos, rotinas mais severas, interesses restritivos e intensos. Pessoas com TEA podem exibir movimentos corporais repetitivos e constância em manter as coisas do mesmo jeito, apego excessivo a objetos, entre outros comportamentos repetitivos.

A tríade de Lorna Wing ajudou a ampliar a compreensão do autismo, enfatizando que a condição envolve mais que dificuldades na interação social. Ela identifica que as pessoas com TEA podem ter uma ampla gama de habilidades e desafios dentro dessas três áreas.

O DSM-III (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, terceira edição), publicado pela Associação Americana de Psiquiatria (APA) em 1980, foi a

primeira edição do DSM a incluir um diagnóstico específico para o autismo. No DSM-III, o autismo era chamado de "Transtorno Autístico Infantil".

O DSM-4 (Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) publicado pela Associação Americana de Psiquiatria (APA) em 1994, incluiu o diagnóstico de "Transtorno Autista, o Transtorno Autista era classificado como um Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD) mostrava o autismo como um distúrbio do desenvolvimento que se manifestava antes dos três anos de idades e afetava a comunicação, interação social e comportamento. Nele incluía quatro áreas de sintomas: atrasos ou desvios na comunicação, deficiência na interação social, comportamentos repetitivos e interesses fixos. A história do autismo é complexa e está em evolução constante, com várias teorias e diferentes avanços sendo desenvolvido ao longo dos tempos, a compreensão e capacidade de lidar com o autismo continuam a melhorar.

A nomenclatura Transtorno do Espectro Autista só passou a ser utilizada em 2013, quando foi lançada a versão mais recente do livro DSM-5 (Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais). Em 2013, foi publicada uma nova versão, o DSM-5, nele foi incluída a terminologia Transtorno do Espectro Autista (TEA), o DSM-5 utiliza a abordagem de avaliação em escalas de gravidade. Além disso, o DSM-5 retirou o diagnóstico de transtorno de Asperger e PDD-NOS que eram utilizados no DSM-4 para descrever níveis leve de autismo, e agora inclui todos os subtipos no diagnóstico de TEA. O DSM-5 inclui uma abordagem mais abrangente e critérios mais específicos para o diagnóstico de TEA.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), refere-se a um conjunto de condições neurológicas caracterizadas por desafios na interação social, comunicação e comportamento restritivos ou repetitivos. O termo "espectro" é usado para descrever a variação e as características do autismo, que pode ser diferente de uma pessoa para outra. O espectro autista engloba diferentes condições que antes eram consideradas como diagnósticos separados, como a Síndrome de Asperger e o transtorno desintegrativo da infância. Atualmente, essas condições são consideradas parte de um espectro no qual as pessoas podem apresentar uma ampla gama de sintomas, habilidades e desafios. As características do espectro podem incluir:

- Dificuldades na interação social: Pessoas no espectro autista podem ter dificuldades em estabelecer e manter relações sociais.

- Dificuldades na comunicação: Elas podem apresentar dificuldades na comunicação verbal e não verbal. Pode incluir atrasos no desenvolvimento da linguagem, padrões de fala específicos e dificuldades de interpretação.
- Comportamentos restritos e repetitivos: Pode incluir interesses intensos e específicos em temas particulares, movimentos repetitivos (como balançar o corpo ou bater as mãos).

É importante ressaltar que cada pessoa no espectro autista é única e apresenta uma combinação diferente de características. O nível de suporte é uma forma de avaliar o grau de apoio necessário em diferentes áreas da vida. O nível de suporte necessário para pessoas com autismo pode variar significativamente de pessoa para pessoa. O DSM-5 introduziu uma nova abordagem para avaliar o nível de suporte necessário para pessoas com autismo. Sendo eles:

- Nível 1: Requer apoio: Elas podem precisar de apoio para lidar com as dificuldades de interação social, comportamentos;
- Nível 2: Requer apoio substancial: Elas podem precisar de apoio com coisas, dificuldades mais pronunciadas na comunicação, interação social e flexibilidade comportamental;
- Nível 3: Requer muito apoio: Ela pode ter dificuldades severas na comunicação, interação social e flexibilidade comportamental. Pode apresentar comportamentos repetitivos ou restritos que interferem no seu funcionamento diário. Essas pessoas precisam de um apoio constante e individualizado para atender às suas necessidades específicas.

É importante ressaltar que esses níveis de suporte são apenas uma forma de avaliar a gravidade do autismo e determinar as necessidades de suporte. O objetivo do suporte é promover a inclusão, a autonomia e o bem-estar das pessoas com autismo, proporcionando o apoio necessário para que possam alcançar seu potencial máximo em todas as áreas da vida.

2.2 Neurodiversidade no contexto autista

A neurodiversidade é um conceito que reconhece e exalta a diversidade natural do funcionamento do cérebro humano. Ele resalta que as pessoas têm diversas

formas de processar informações, perceber o mundo e interagir com outros. O conceito de neurodiversidade no contexto autista dá ênfase a aceitação, inclusão e valorização de pessoas com autismo como elas são, reconhecendo suas habilidades e contribuições para a sociedade. Busca combater o estigma, a discriminação e a marginalização enfrentados pelas pessoas com autismo, estimulando uma mudança de paradigma na forma como a sociedade compreende e aborda o autismo.

A neurodiversidade no contexto autista reconhece que todas as pessoas têm diferentes formas de processar informações e aprender a se relacionar com o mundo. Essa perspectiva também busca desafiar as noções tradicionais de "normalidade" e "funcionamento adequado", enfatizando que a diversidade neurocognitiva é valiosa e enriquece a sociedade como um todo.

Vale salientar que a neurodiversidade não nega as dificuldades e desafios encontrados por algumas pessoas no espectro autista. Ela defende a disponibilidade de suportes e serviços adequados, personalizados e respeitosos, que visem maximizar o bem-estar e a qualidade de vida das pessoas autistas, sem tentar mudar sua essência ou identidade neurocognitiva.

Segundo Abreu (2022), a história da neurodiversidade como um conceito e movimento remonta ao final do século XX. O termo "neurodiversidade" foi evidenciado pela socióloga australiana Judy Singer no final da década de 1990. Singer pondera que as diferenças neurológicas, como as encontradas no espectro autista, não são necessariamente disfunções ou patologias, mas variações normais da condição humana. Singer destacou a importância de valorizar e aceitar as diferenças neuro divergentes, em vez de tentar corrigi-las. Ela defendeu uma mudança de paradigma no modo como a sociedade percebe as condições neurológicas, promovendo a inclusão e o respeito pelas pessoas neuro divergentes.

Em 1998, Judy Singer publicou um artigo intitulado "*Why Can't You Be Normal for Once in Your Life?*" ("Por que você não pode ser normal pelo menos uma vez na sua vida?"), que se tornou um marco no movimento da neurodiversidade. Em 1999, o jornalista e pai de uma criança autista, Harvey Blume escreveu um artigo intitulado "*Neurodiversity*" na revista *The Atlantic*. No artigo, Blume ajudou a popularizar o termo "neurodiversidade" e contribuiu para o surgimento do movimento. Desde então, a ideia tem sido extensamente discutida e adotada por defensores, pesquisadores e profissionais da saúde mental. No início dos anos 2000, o movimento da neurodiversidade começou a ganhar força e visibilidade através da internet, fóruns

online, blogs e comunidades autistas online proporcionaram um espaço para as vozes das pessoas autistas e seus defensores, promovendo a conscientização e a defesa dos direitos das pessoas neuro divergentes. Em 2004, Thomas Armstrong publicou o livro "*Neurodiversity: Discovering the Extraordinary Gifts of Autism, ADHD, Dyslexia, and Other Brain Differences*" ("Neurodiversidade: Descobrimo os Talentos Extraordinários do Autismo, TDAH, Dislexia e Outras Diferenças Cerebrais") é amplamente reconhecido como uma referência na área da neurodiversidade.

No livro, Armstrong destaca que diferenças neurológicas não devem ser vistas apenas como uma deficiência, mas também como habilidades e talentos. Ele promove a ideia de criar ambientes educacionais que valorizam a diversidade neurocognitiva, fornecendo suporte e adaptação às necessidades individuais de alunos neuro divergentes. Em 2010, ocorreu a primeira conferência internacional sobre neurodiversidade na Austrália, chamada de "*International Meeting for Autism Research*" (IMAR).

Embora não tenha sido uma conferência exclusivamente focada na neurodiversidade, ela incluiu discussões e apresentações relacionadas a esse tema. Nela, reuniu acadêmicos, ativistas, profissionais da saúde e pessoas neuro-divergentes para discutir suas pesquisas e experiências relacionadas ao autismo e à neurodiversidade. Essa conferência ajudou a impulsionar a conscientização e o diálogo sobre a neurodiversidade em um contexto acadêmico e de pesquisa. Desde então, outras conferências e eventos sobre neurodiversidade e autismo têm sido realizados em diversos locais do mundo para promover a aceitação, compreensão e inclusão das pessoas neuro-divergentes.

Embora o movimento da neurodiversidade tenha ganhado reconhecimento e apoio consideráveis, também enfrentou algumas críticas e debates. Uma das principais críticas é que o movimento da neurodiversidade pode excluir ou não representar adequadamente autistas com nível mais avançado, argumentando que o movimento da neurodiversidade é representado por pessoas com autismo leve. Alegando que o foco na inclusão e valorização das habilidades pode deixar de fora aqueles que necessitam de apoio mais intenso. O que pode levar a marginalização desses indivíduos dentro da comunidade autista.

Outras críticas afirmam que o movimento da neurodiversidade tende a generalizar a experiência autista, reduzindo-a a uma narrativa única. Alega-se que

essa generalização pode não capturar adequadamente a diversidade de experiências e necessidades dentro do espectro autista.

De acordo com Silberman (2015), a neurodiversidade autista é uma parte valiosa da variedade natural do funcionamento cerebral humano, e a compreensão e aceitação dessa diversidade têm o potencial de enriquecer a sociedade e promover um ambiente mais inclusivo.

Desde então, o movimento da neurodiversidade continuou a crescer e influenciar a maneira como a sociedade percebe e responde às pessoas neurodivergentes. Ele tem sido um impulso para a criação de políticas inclusivas nas áreas de educação, emprego, acessibilidade e serviços de saúde, visando a valorização das habilidades e contribuições das pessoas neuro-divergentes.

2.3 Ensino-aprendizagem de crianças autistas

Entender as necessidades e desafios das crianças autistas na escola é muito importante para que todas as crianças tenham uma educação inclusiva e eficaz. Cada criança no espectro autista é única, e suas características e necessidades são diferentes. Por isso, é fundamental usar abordagens adaptadas para atender às particularidades de cada criança no espectro.

A inclusão se tornou algo muito importante em muitas escolas. Ela significa que todas as crianças, não importa suas diferenças, devem ter a oportunidade de estudar juntas em escolas regulares. O objetivo é garantir que todas as crianças tenham a mesma chance de aprender.

Oliveira (2020) destaca que, explorar os espaços escolares adaptados para crianças autistas, vai muito além de uma análise acadêmica. Oliveira tece uma narrativa humana, destacando a importância vital desses ambientes adaptados na jornada educacional dessas crianças, reforçando uma concepção de que uma inclusão genuína exige um compromisso constante com a compreensão e adaptação das práticas educacionais. Isso se dá na criação de ambientes que verdadeiramente estimulam o desenvolvimento integral das crianças autistas, reconhecendo e valorizando suas singularidades.

Estratégias educacionais e intervenções específicas têm sido desenvolvidas para apoiar a aprendizagem de crianças autistas. A Análise do Comportamento Aplicada (ABA) é uma abordagem baseada em evidências que tem sido amplamente

utilizada para ensinar novas habilidades e comportamentos. Além disso, estratégias de ensino diferenciado, tecnologia assistiva e programas de treinamento social são frequentemente empregados para promover o desenvolvimento acadêmico e social das crianças no espectro autista.

Neste contexto, segundo Martins e Lopes (2018) o ABA pretende criar uma ponte entre o mundo da criança autista e o ambiente escolar, modificando os métodos de ensino para melhor atender às suas necessidades. Ao implementar estratégias que incentivam a aprendizagem através de reforço positivo e abordagens estruturadas, o ABA não só apoia o desenvolvimento acadêmico, mas também promove a inclusão social e a autonomia. É um processo humanizado, em que cada medida modesta é apreciada e cada obstáculo é superado com compreensão e paciência.

Além disso, é importante ressaltar que a aprendizagem educacional das crianças autistas transcende os métodos pedagógicos e se baseia em relações empáticas. O papel crucial atribuído a professores, terapeutas e colegas é estabelecer um ambiente acolhedor, onde uma criança autista se sinta valorizada e compreendida e não apenas o aprendizado acadêmico, mas também o desenvolvimento de uma base sólida para o crescimento integral do indivíduo, aprendendo e apreciando a diversidade em cada sala de aula.

3. METODOLOGIA

A metodologia aplicada neste trabalho teve como base uma pesquisa de campo, exploratória, com abordagem qualitativa realizada em escolas da rede pública e privada na cidade de Campina Grande - PB.

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto” (GONSALVES, 2001, p. 67).

Inicialmente, foram escolhidas quatro escolas, duas da rede pública e duas da rede privada. A escolha de ambas as redes de ensino foi com a intenção de permitir uma análise comparativa dos dados.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas com professoras que atuam no Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano). Essas entrevistas foram conduzidas presencialmente e duraram, em média, cerca de 10 minutos. As entrevistas foram semi-estruturadas para permitir a flexibilidade nas respostas das professoras. Os tópicos abordados incluíram suas percepções de ensino de crianças autistas, suas experiências e seus desafios encontrados e estratégias adotadas para promover a aprendizagem dessas crianças. Além de explorar as experiências das professoras, as entrevistas incluíram uma avaliação dos recursos disponíveis nas escolas. Isso envolveu a investigação de materiais, treinamento, suporte pedagógico e outros recursos que as escolas forneciam para lidar com crianças autistas.

A pesquisa foi projetada para permitir uma análise comparativa das percepções e experiências das professoras em redes públicas e privadas. Isso ajudou a identificar semelhanças e diferenças na abordagem de ensino em ambas as escolas.

Foram respeitadas as considerações éticas, como a obtenção de consentimento das instituições e das professoras participantes, garantindo a confidencialidade dos dados e respeitando os princípios de pesquisa ética.

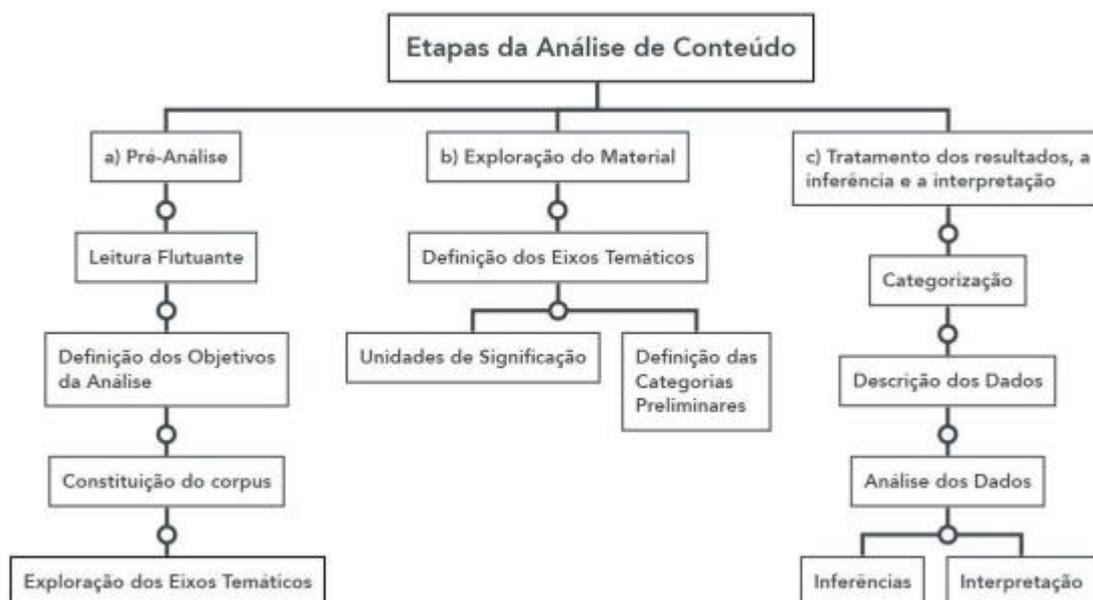
O presente trabalho empregou o método de análise de conteúdo proposto por Laurence Bardin, que se baseia na categorização e interpretação dos dados coletados. Através desse método, foi possível identificar e explorar eixos temáticos que emergiram a partir das informações obtidas durante a pesquisa.

A análise de conteúdo, segundo Bardin (2011), é um procedimento que visa descobrir os significados presentes nos dados, permitindo uma compreensão mais

profunda dos fenômenos estudados. Ao aplicar esse método, a pesquisa se desdobra em etapas de codificação, categorização e interpretação, culminando na construção dos eixos temáticos que representam os principais temas e achados da pesquisa.

A utilização do método de Bardin ofereceu uma estrutura sólida para a análise dos dados coletados, possibilitando a identificação de tendências, padrões e conexões relevantes. Na Figura 1 apresenta uma síntese visual das etapas metodológicas, proporcionando uma compreensão didática dos procedimentos adotados de forma sequencial no tratamento dos dados.

Figura 1 - Etapas do processo de análise de conteúdo



Fonte: Adaptado de Bardin (2011)

Em síntese, para conduzir o estudo, foi feita uma organização do material. Foi realizada uma leitura inicial das respostas dos professores para capturar a essência do que estavam compartilhando, definindo a unidade de significado e esboçando as categorias de análise.

Posteriormente, as respostas foram codificadas, recortando cada unidade temática de acordo com as categorias previamente estabelecidas. Após uma última análise, identificaram-se os eixos temáticos alinhados aos objetivos específicos, conforme representado na Figura 2.

Figura 2 - Eixos temáticos desenvolvidos com base nas entrevistas

ET1 - Atitudes e Sentimentos em Relação ao Ensino para Crianças autistas
ET2 - Recursos Disponíveis e Utilizados na Escola para crianças autistas
ET3 - Melhorias Necessárias na Disponibilidade e Utilização de Recursos
ET4 - Adaptação do Currículo para Necessidades Individuais
ET5 - Promoção da Interação Social

Fonte: A autora (2023).

Nota: ET = Eixo temático

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção, serão apresentados os principais resultados derivados dessa pesquisa. O objetivo primordial deste estudo foi investigar e analisar as práticas de ensino e o suporte oferecido a crianças autistas em escolas públicas e privadas do Ensino Fundamental I, com a intenção de compreender como essas práticas impactam o processo de aprendizagem desses alunos. A seguir, no Quadro 1, são apresentados os eixos temáticos e as categorias, juntamente com seus respectivos códigos.

Quadro 1 - Eixos temáticos e categorias temáticas da pesquisa

Eixo temático	Categoria	Código
ET1 - Atitudes e Sentimentos em Relação ao Ensino para Crianças autistas:	Segurança e motivação.	ET1- A1
	Insegurança profissional	ET1- A2
ET2 - Recursos Disponíveis e Utilizados na Escola para crianças autistas:	Materiais e jogos adaptados	ET2 - R1
	Apoio escolar	ET2 - R2
	Ausência de recursos	ET2 - R3
	Salas de apoio especializado	ET2 - R4
ET3 - Melhorias Necessárias na Disponibilidade e Utilização de Recursos:	Aumento do apoio escolar	ET3 - M1
	Formação continuada	ET3 - M2
	Falta de investimento governamental	ET3 - M3
	Sala de recursos	ET3 - M4
	Materiais adaptados	ET3 - M5
ET4 - Adaptação do Currículo para Necessidades Individuais:	Atividades adaptadas	ET4 - N1
ET5 - Promoção da Interação Social:	jogos e Dinâmicas	ET5 - I1
	Roda de diálogos	ET5 - I2
	Interação natural	ET5 - I3

Fonte: A autora (2023).

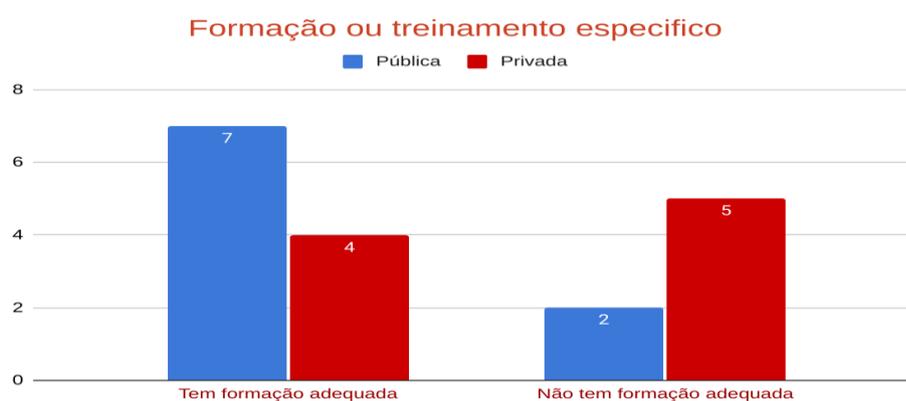
Nota: Os códigos das categorias foram desenvolvidos considerando o eixo temático, juntamente com a inicial da primeira palavra do conteúdo principal desse eixo, por exemplo.

Em seguida, além de apresentar as categorias e suas respectivas unidades de significação, serão destacadas respostas selecionadas dos professores, visando exemplificar e ilustrar essas categorias de maneira mais concreta.

4.1 Formação ou treinamento específico para o ensino de crianças autistas

A questão "Formação ou Treinamento Específico para o Ensino de Crianças Autistas" assume uma importância nesta pesquisa ao examinar de que maneira escolas públicas e privadas preparam seus educadores para atender às necessidades específicas de crianças autistas. Ela reúne resultados que exploram a existência e eficácia de programas de formação ou treinamento voltados para o ensino dessas crianças em ambos os contextos educacionais.

Figura 3 - Gráfico de professores que possuem formação específica



Fonte: A autora (2023)

Os dados apresentados no gráfico revelam uma divisão igualitária de professores entre escolas públicas e privadas, com 9 professores em cada uma dessas categorias. No entanto, quando se trata de ter a formação adequada para o ensino de crianças autistas, a diferença entre esses dois grupos se torna aparente.

No grupo de professores de escola pública, a maioria, 7 de 9, possui a formação adequada para o ensino de crianças autistas. Nesse contexto, destaca-se o papel crucial da formação dos professores, que inclui especializações em psicopedagogia, educação especial e cursos de aprimoramento disponibilizados pelo governo. Isso pode ser atribuído a políticas governamentais, programas de formação de professores ou maior ênfase na inclusão de crianças com necessidades especiais em escolas públicas, incentivando a aquisição de habilidades para lidar com TEA.

Por outro lado, no grupo de professores de escola privada, apenas 4 de 9 têm a formação necessária para ensinar crianças autistas. Nessa perspectiva, é fundamental ressaltar a importância da capacitação dos professores, abrangendo

especializações em psicopedagogia e educação especial. Isso pode ser resultado de uma menor regulamentação ou exigência de formação específica em escolas privadas, ou talvez menos ênfase na inclusão de crianças com necessidades especiais nesse ambiente.

Ainscow (2012), argumenta que a efetiva implementação da educação inclusiva demanda uma transformação fundamental na estrutura organizacional das escolas e nos métodos de ensino adotados pelos professores. A formação adequada dos professores é um componente essencial desse processo, e a disparidade observada entre as escolas pública e privada destaca a importância de garantir que todos os educadores estejam preparados para promover a inclusão e o desenvolvimento pleno de seus alunos.

A discrepância na formação de professores para o ensino de crianças autistas entre escolas públicas e privadas é um fator importante a ser considerado na discussão sobre inclusão educacional e equidade. Essa disparidade pode influenciar diretamente a qualidade da educação oferecida a crianças autistas em diferentes ambientes escolares. Portanto, políticas e iniciativas que promovam a formação adequada de professores em todos os tipos de escolas são cruciais para garantir que todas as crianças tenham acesso a uma educação de qualidade.

4.2 - ET1 - Atitudes e Sentimentos em Relação ao Ensino para Crianças autista

O primeiro eixo temático, intitulado de “Atitudes e Sentimentos em Relação ao Ensino para Crianças Autistas”, agrupa resultados que destacam a complexidade das atitudes e sentimentos dos professores em relação ao ensino para crianças autistas, independentemente de estarem em escolas públicas ou privadas.

Quadro 2 - Atitudes e Sentimentos em Relação ao Ensino para Crianças autista, categorias e quantidades de respostas

ET1 - Atitudes e Sentimentos em Relação ao Ensino para Crianças autistas:		
Categorias	ESCOLA PÚBLICA	ESCOLA PRIVADA
Segurança e motivação.	n = 4	n = 2
Insegurança profissional	n = 5	n = 7

Fonte: A autora (2023).

Nota: n = quantidade de professores que citaram em suas respostas a categoria.

A categoria "Segurança e motivação" evidencia o panorama das percepções de professores em relação a fatores que impactam diretamente no ambiente educacional. Com 4 professoras da escola pública e 2 da privada enfatizando aspectos positivos. Por outro lado, na categoria "Insegurança profissional", os relatos de 5 professoras da pública e 7 da privada indicam preocupações significativas relacionadas a desafios e incertezas na esfera profissional. Abaixo, seguem algumas respostas dos professores de escolas públicas e privadas, ilustrando a diversidade de experiências e percepções nesses dois contextos educacionais distintos.

*Ensinar crianças com TEA é uma tarefa que me deixa confortável e **motivado**, porque acredito que é uma oportunidade de fazer a diferença na vida dessas crianças, capacitando-as a atingirem seu pleno potencial. (profª 3- EPriv)*

Pra mim, é bastante compensador, porque tenho o prazer em ver o desenvolvimento dessas crianças no dia a dia. (profª 7- EPubl)

Ensinar crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um desafio diário, pois cada criança é única, e a falta de recursos especializados torna o processo mais complexo. (profª 4- EPriv)

Cada criança com TEA é única e seu humor muda constantemente e as salas de aula atualmente não estão preparadas para recebê-los. (profª 9- EPubl)

Os resultados evidenciam a diversidade de atitudes e sentimentos entre os professores das escolas pesquisadas ao ensinar crianças autistas, independentemente do ambiente escolar. Aqueles que se sentem seguros e motivados podem estar mais dispostos a buscar abordagens eficazes de ensino e a enfrentar os desafios de forma construtiva. No entanto, a prevalência da insegurança profissional destaca a necessidade de apoio, desenvolvimento profissional e recursos para ajudar os educadores a se sentirem mais confiantes em suas práticas.

De acordo com Graves (2000), os professores desempenham um papel vital na adaptação das práticas pedagógicas para melhor atender às necessidades específicas das crianças autistas, promovendo sua segurança e motivação no processo de ensino. A educação de crianças autistas requer que os professores desempenhem um papel ativo no desenvolvimento e na adaptação de abordagens de ensino eficazes. Graves destaca a importância da capacidade dos professores em desempenhar esse papel, apontando para a necessidade de apoio e desenvolvimento profissional contínuo para promover a segurança e a motivação dos professores no contexto do ensino para crianças autistas.

Weizenmann (2016) oferece uma contribuição significativa para o entendimento das dinâmicas emocionais, ela aborda a dualidade entre insegurança e motivação que permeia o ambiente educacional ao trabalhar com crianças com autismo.

4.3 - ET2 Recursos Disponíveis e Utilizados na Escola para crianças autistas

O segundo eixo temático, intitulado "Recursos Disponíveis e Utilizados na Escola para Crianças Autistas", oferece uma perspectiva detalhada sobre os meios pelos quais as escolas, tanto públicas quanto privadas, abordam as necessidades específicas de crianças autistas.

Quadro 3 - Recursos Disponíveis e Utilizados na Escola para crianças autistas, categorias e quantidade de respostas

ET2 - Recursos Disponíveis e Utilizados na Escola para crianças autistas:		
Categorias	ESCOLA PÚBLICA	ESCOLA PRIVADA
Materiais e jogos adaptados	n = 2	n = 4
Apoio escolar	n = 3	n = 0
Ausência de recursos	n = 0	n = 5
Salas de apoio especializado	n = 4	n = 0

Fonte: A autora (2023).

Nota: n = quantidade de professores que citaram em suas respostas a categoria.

As categorias "Materiais e Jogos Adaptados", "Apoio Escolar", "Ausência de Recursos" e "Salas de Apoio Especializado" oferecem informações valiosas sobre as percepções dos professores em relação a diversos aspectos do ambiente educacional. No que diz respeito a "Materiais e Jogos Adaptados", 2 professores de escolas públicas e 4 de privadas destacaram a importância desses recursos. Na categoria "Apoio Escolar," observou-se que 3 professores de escolas públicas e nenhum de escolas privadas mencionaram essa estratégia como essencial. Por outro lado, na categoria "Ausência de Recursos," 5 professores de escolas privadas expressaram preocupações, enquanto nenhum professor de escola pública indicou essa preocupação. Já em relação às "Salas de Apoio Especializado", 2 professores

de escolas públicas e nenhum de escolas privadas consideraram esse recurso fundamental. Essas respostas refletem a diversidade de experiências e percepções entre os educadores desses dois contextos educacionais distintos. A seguir, apresentam-se algumas respostas dos professores de escolas públicas e privadas, evidenciando a variedade de experiências e percepções nestes dois diferentes contextos educacionais.

Atualmente, a nossa escola dispõe de uma gama limitada de recursos, no momento, contamos com alguns jogos. (profª 1- EPriv)

*Contamos com o **apoio escolar** para nos auxiliar no dia a dia. (profª 6-EPubl)*

A escola em que estou trabalhando atualmente enfrenta um desafio significativo, pois não possui nenhum material específico. (profª 7- EPriv)

Aqui, nós temos a sala de AEE que funciona no contraturno. (profª 11-EPubl)

Os resultados revelam uma diferença na disponibilidade e utilização de recursos entre as escolas privadas e públicas. Em escolas privadas, os materiais e jogos adaptados parecem estar mais disponíveis, embora o uso de cuidadores seja nulo, e a ausência de recursos específicos seja mencionada. Nas escolas públicas, os materiais e jogos adaptados estão disponíveis, bem como o uso de cuidadores, mas a ausência de recursos não foi mencionada. Além disso, as salas de AEE são utilizadas por professores de escolas públicas, mas não por professores de escolas privadas.

Simões (2008) enfatiza a importância de adaptar a educação para atender às necessidades dos alunos e destaca o papel crucial dos professores nesse processo. Os resultados ressaltam a necessidade de uma abordagem mais equitativa na disponibilidade de recursos e no apoio às crianças autistas, independentemente do tipo de escola em que estão matriculadas.

A educação inclusiva de crianças autistas exige recursos e estratégias adequadas para atender às suas necessidades individuais. Simões (2008) aponta o papel fundamental dos professores na criação de um ambiente educacional inclusivo e destaca a importância de garantir que os recursos necessários estejam disponíveis e sejam utilizados de forma eficaz para atender a todas as crianças

O Neurosaber (2023), dá ênfase na utilização eficaz dos recursos escolares e destaca a importância da acessibilidade e adaptação do ambiente educacional para

atender às demandas específicas dessas crianças. A colaboração integrada desses elementos, tanto o entendimento individualizado quanto a otimização dos recursos escolares, constituem a base sólida para promover uma educação inclusiva e eficaz para crianças autistas, possibilitando seu pleno desenvolvimento e participação no ambiente escolar.

4.4 - ET3 - Melhorias Necessárias na Disponibilidade e Utilização de Recursos

O terceiro eixo temático intitulado "Melhorias Necessárias na Disponibilidade e Utilização de Recursos", destaca os resultados que abordam as percepções dos educadores sobre as lacunas existentes na disponibilidade e utilização de recursos destinados às crianças autistas.

Quadro 4 - Melhorias Necessárias na Disponibilidade e Utilização de Recursos, categorias e quantidade de respostas

ET3 - Melhorias Necessárias na Disponibilidade e Utilização de Recursos:		
Categorias	ESCOLA PÚBLICA	ESCOLA PRIVADA
Aumento do apoio escolar	n = 1	n = 2
Formação continuada	n = 3	n = 3
Falta de investimento governamental	n = 5	n = 0
Sala de recursos	n = 0	n = 3
Materiais adaptados	n = 0	n = 1

Fonte: A autora (2023).

Nota: n = quantidade de professores que citaram em suas respostas a categoria.

As categorias "Aumento do Apoio Escolar", "Formação Continuada", "Falta de Investimento Governamental", "Sala de Recursos" e "Materiais Adaptados" destacam o panorama das percepções de professores em relação a fatores que impactam diretamente no ambiente educacional. Com 1 professor de escola pública e 3 de escola privada ressaltando a necessidade de aumento do apoio escolar, e 3 professores de escola pública e 3 de escola privada reconhecendo a importância da formação continuada, percebe-se uma divergência significativa entre os contextos.

Enquanto 5 professores de escolas públicas expressam preocupação com a falta de investimento governamental, 3 professores de escolas privadas destacam essa questão.

Na abordagem de "Sala de Recursos," observa-se que nenhum professor de escola pública mencionou essa necessidade, ao passo que 1 professor de escola privada indicou sua relevância. Quanto aos "Materiais Adaptados," 0 professores de escola pública e 1 de escola privada reconhecem a importância desse recurso. Essas respostas ilustram a diversidade de experiências e percepções entre educadores desses dois contextos educacionais distintos. A seguir, apresentam-se algumas respostas dos professores de escolas públicas e privadas, evidenciando a variedade de experiências e percepções nestes dois distintos contextos educacionais.

*Com a implementação de um **apoio escolar** para auxiliar os professores em sala de aula. (profª 14- EPriv)*

Não é um papel da escola melhorar e sim do governo mandar mais recursos que é uma coisa que está em falta (profª 12- EPubl)

*Com **salas de recursos** apropriado para atender as necessidades desses alunos. (profª 10- EPriv)*

*Mais cursos de **formação** para os docentes. (profª 4 - EPubl)*

*Disponibilizando **materiais adaptados** em sala de aula para tornar o processo de ensino mais inclusivo e eficaz. (profª 13- EPubl)*

Os resultados destacam diferenças nas percepções de melhorias necessárias entre professores de escolas públicas e privadas das escolas onde foram feitas as pesquisas. Em ambas as esferas, a formação continuada é uma preocupação comum, sugerindo que os professores reconhecem a necessidade de aprimorar suas habilidades para atender às necessidades das crianças autistas. O apoio escolar também é uma prioridade, destacando a importância do suporte dentro do ambiente escolar.

No entanto, as escolas públicas enfrentam um desafio mais significativo em relação ao investimento governamental, com 5 professores destacando a falta de recursos. Isso ressalta a necessidade de políticas educacionais que garantam a alocação adequada de recursos para atender às necessidades das crianças autistas.

Mantoan (2003) enfatiza a importância da formação de professores e do apoio governamental para a criação de ambientes educacionais inclusivos. Os resultados refletem essas preocupações, destacando a necessidade de investimentos em

formação continuada e políticas que garantam a disponibilidade de recursos para o ensino de crianças autistas.

A educação inclusiva de crianças autistas requer uma abordagem holística, que inclua a formação contínua dos professores, o apoio escolar adequado e o investimento governamental.

4.5 - ET4 - Adaptação do Currículo para Necessidades Individuais

O quarto eixo temático intitulado "Adaptação do Currículo para Necessidades Individuais", reúne resultados que analisam as práticas atuais de adaptação do currículo em ambas as esferas educacionais, buscando compreender de que forma as necessidades individuais dessas crianças são consideradas.

Quadro 5 - Adaptação do Currículo para Necessidades Individuais, categorias e quantidades de respostas

ET4 - Adaptação do Currículo para Necessidades Individuais:		
Categorias	ESCOLA PÚBLICA	ESCOLA PRIVADA
Atividades adaptadas	n = 9	n = 9

Fonte: A autora (2023).

Nota: n = quantidade de professores que citaram em suas respostas a categoria.

A categoria "Atividades Adaptadas" destaca-se ao oferecer informações sobre as práticas adotadas por professores em escolas públicas e privadas no contexto da aprendizagem de crianças autistas. Com uma unanimidade expressiva, todos os 9 professores de escolas públicas e os 9 de escolas privadas enfatizaram a utilização de atividades adaptadas como uma estratégia fundamental no processo de ensino dessas crianças. A seguir, apresentam-se algumas das respostas dos professores de escolas públicas e privadas, oferecendo um panorama diversificado de experiências e percepções nos dois contextos educacionais.

Modificando as atividades planejadas para atender às necessidades individuais das crianças.. (profª 10- EPriv)

*Com provas e **atividades adaptadas**. (profª 8- EPubl)*

*Com provas e **atividades adaptadas** para atender ao nível de cada aluno. (profª 3- EPriv)*

Adaptamos as provas e as atividades de acordo com a dificuldade de cada aluno. (profª 5- EPubl)

Esse alinhamento entre os professores em relação à adaptação do currículo é um indicativo importante de que a prática da educação inclusiva está sendo amplamente adotada, independentemente do contexto escolar. Silveira (2020), destaca a importância de atender às necessidades individuais de todos os alunos, independentemente de suas diferenças. Nesse contexto, a adaptação do currículo para crianças autistas se alinha com a abordagem inclusiva preconizada na obra, demonstrando como os educadores podem se esforçar para garantir que todos os alunos tenham igualdade de oportunidades educacionais.

A adaptação do currículo apresenta várias vantagens. Em primeiro lugar, ela permite que os professores atendam às necessidades específicas de cada aluno, levando em consideração seus pontos fortes e áreas de melhoria. Isso promove um aprendizado mais significativo e eficaz, uma vez que os alunos podem se envolver em atividades que são relevantes para o seu desenvolvimento (Oliveira, 2011).

Além disso, a adaptação do currículo é essencial para a inclusão de alunos com diferentes níveis de habilidade e necessidades. Isso garante que todos os alunos tenham a oportunidade de participar plenamente da sala de aula e avancem de acordo com seu próprio ritmo, promovendo uma sensação de pertencimento e realização (Oliveira, 2011).

No entanto, a adaptação do currículo também apresenta desafios. Para os professores, pode ser uma tarefa intensiva em termos de tempo e esforço. A necessidade de criar materiais e atividades personalizadas para cada aluno pode aumentar significativamente a carga de trabalho. Além disso, nem todas as escolas têm os recursos necessários para oferecer adaptações abrangentes (Oliveira, 2020).

A falta de materiais e apoio adequados pode dificultar a implementação eficaz das adaptações, especialmente em contextos com recursos limitados. Outro desafio é a avaliação de alunos com currículos adaptados. Garantir que os alunos estejam progredindo e sejam avaliados de maneira justa requer um planejamento cuidadoso e estratégias de avaliação apropriadas (Ainscow, 2012).

A escolha unânime dos 18 professores em adaptar o currículo destaca a relevância desse tema na promoção de uma educação de qualidade e inclusiva. No entanto, é importante que essa prática seja implementada de maneira eficaz, levando em consideração as necessidades individuais de cada aluno e garantindo que a

adaptação do currículo seja uma ferramenta que realmente promova o desenvolvimento e o aprendizado de todos os estudantes.

Oliveira, Tomaz e Silva (2021) destaca a importância de ajustar as práticas educativas para incluir alunos com necessidades educativas especiais, como o TEA, nas escolas regulares. Essa interligação entre a prática vivenciada pelos professores e as reflexões teóricas apresentadas por Oliveira, Tomaz e Silva contribui para uma compreensão mais abrangente das dinâmicas educacionais voltadas para crianças autistas, destacando a importância de estratégias adaptativas no processo de ensino e aprendizagem.

4.6 - ET5 - Promoção da Interação Social

O quinto eixo temático, intitulado "Promoção da Interação Social", reúne resultados que examinam as práticas atuais nessas instituições educacionais, explorando como são implementadas estratégias para fomentar a interação social entre alunos autistas e seus colegas.

Quadro 6 - Promoção da Interação Social, categorias e quantidade de respostas

ET5 - Promoção da Interação Social:		
Categorias	ESCOLA PÚBLICA	ESCOLA PRIVADA
Jogos e Dinâmicas	n = 3	n = 3
Roda de diálogos	n = 2	n = 4
Interação natural	n = 4	n = 2

Fonte: A autora (2023).

Nota: n = quantidade de professores que citaram em suas respostas a categoria.

As categorias "Jogos e Dinâmicas", "Roda de Diálogos" e "Interação Natural" oferecem uma compreensão profunda nas percepções dos professores em relação a elementos que influenciam diretamente o ambiente educacional. Com 3 professores de escolas públicas e 3 de privadas destacando a importância de jogos e dinâmicas. Em relação à "Roda de Diálogos", 2 professores de escolas públicas e 4 de privadas reconhecem a relevância dessa prática para a interação e comunicação eficazes. Na categoria "Interação Natural", 4 professores de escolas públicas e 2 de privadas destacam sua importância no contexto educacional. A seguir, são apresentadas

algumas respostas dos professores de escolas públicas e privadas, destacando a diversidade de experiências e percepções nesses dois contextos educacionais distintos.

*Eu trabalho muito na questão dos **jogos**, pois ajuda com a socialização entre eles de forma divertida. (profª 16 - EPriv)*

Gosto de deixar que eles interajam sem aquele olhar que o colega é "diferente". (profª 15- EPubl)

As rodas de conversas são uma ótima forma de promover essa interação entre eles. (profª 10- EPriv)

*Normalmente, eu faço o uso de **dinâmicas** nas salas porque é uma coisa mais divertida e leve. (profª 4 - EPubl)*

A promoção da interação social de alunos autistas com seus colegas é um aspecto fundamental da educação inclusiva. A abordagem para atingir esse objetivo pode variar, e os resultados indicam algumas estratégias usadas pelos professores em escolas públicas e privadas.

Na categoria de estratégias "Jogos e Dinâmicas", observamos que três professores de escolas privadas e três de escolas públicas mencionaram a utilização dessas atividades como ferramentas eficazes para promover a interação social. Os jogos e dinâmicas proporcionam um ambiente estruturado e lúdico no qual as crianças autistas podem se envolver de maneira descontraída com seus colegas. Isso estimula a comunicação, o compartilhamento e a colaboração, oferecendo oportunidades para os alunos se conectarem e desenvolverem habilidades sociais.

No que se refere à categoria "Roda de Diálogos", quatro professores de escolas privadas e dois de escolas públicas ressaltaram sua utilização como uma estratégia eficaz para facilitar a comunicação entre alunos autistas e seus colegas. As rodas de diálogos criam um ambiente estruturado no qual as crianças podem compartilhar suas perspectivas, ouvir as dos outros e praticar habilidades de conversação. Isso cria um espaço seguro para a expressão de ideias e sentimentos, promovendo a compreensão mútua e fortalecendo as relações interpessoais.

A terceira categoria, "Interação Natural", recebeu destaque de dois professores de escolas privadas e quatro de escolas públicas. A promoção da interação social de forma natural enfatiza a importância de criar um ambiente inclusivo no qual as crianças autistas possam participar plenamente das atividades cotidianas. Essa abordagem

não envolve intervenções estruturadas, mas sim a oportunidade de as crianças interagirem de maneira autêntica com seus colegas, construindo relacionamentos significativos e genuínos.

De acordo com White (2007), as estratégias para promover a interação social de crianças com autismo fornecem ferramentas práticas para avaliação e desenvolvimento, dando ênfase a importância de profissionais de educação, como os professores, na promoção de interações sociais significativas entre crianças autistas e seus colegas, contribuindo para o enriquecimento da experiência educacional.

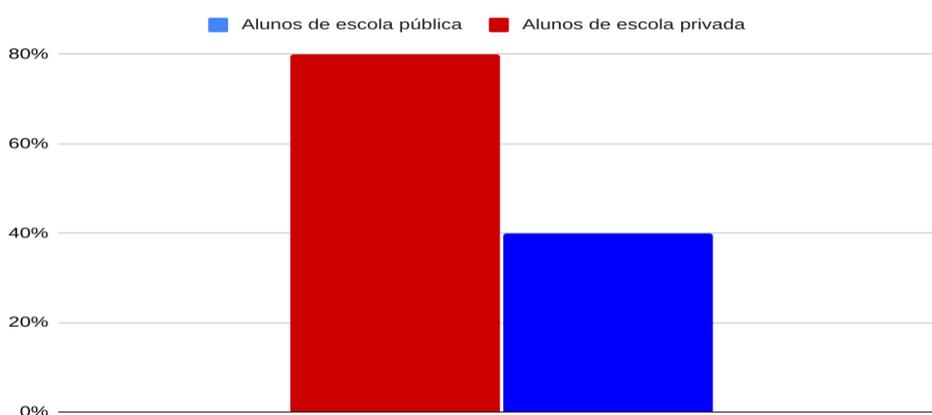
Essas respostas dos professores refletem um compromisso em criar ambientes inclusivos e acolhedores nas escolas, nos quais as crianças autistas possam desenvolver habilidades sociais e interagir de forma significativa com seus colegas. Essas práticas não apenas beneficiam as crianças autistas, mas também enriquecem a experiência educacional de todos os alunos, promovendo uma compreensão mais profunda, a empatia e a construção de um senso de comunidade na sala de aula.

Lemos, Salomão e Agripino-Ramos (2019) destacam a importância do papel das professoras na promoção da interação social, usando diretivos linguísticos e apoio físico para mediar a participação das crianças. Isso está em linha com o eixo temático, que enfatiza a necessidade de estratégias eficazes para fomentar a interação social entre alunos autistas e seus colegas.

4.7 - Alunos com diagnóstico que recebem tratamento especializado

A questão "Alunos com Diagnóstico que Recebem Tratamento Especializado" representa uma dimensão crucial nesta pesquisa, direcionando o foco para crianças autistas em escolas públicas e privadas que recebem tratamentos especializados externos à instituição educacional.

Figura 4 - Gráfico de alunos que recebem tratamento fora do ambiente escolar



Fonte: A autora (2023)

Os resultados revelam uma disparidade no acesso de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) a tratamentos especializados, quando comparados entre escolas públicas e privadas dentre as instituições onde foram conduzidas as pesquisas. Enquanto 80% dos alunos das escolas privadas têm a possibilidade de receber tratamento de psicólogos, psicopedagogos e fonoaudiólogos fora do ambiente escolar, apenas 40% dos alunos das escolas públicas contam com esse privilégio.

É importante destacar que, embora as escolas privadas nem sempre disponham de materiais especializados, a disparidade observada parece estar profundamente associada às diferenças socioeconômicas. Este desequilíbrio levanta questões fundamentais sobre igualdade no acesso a serviços de saúde e educação para crianças autistas, bem como sobre o papel das instituições de ensino na promoção da igualdade de oportunidades.

Frequentemente, é presumido que as escolas privadas, devido à sua natureza financeira, estão em melhor posição para fornecer tratamentos especializados para alunos autistas. No entanto, os resultados desafiam essa suposição ao mostrar que, apesar das limitações materiais, a condição financeira dos alunos nas escolas privadas possibilita o acesso a tratamentos fora do ambiente escolar. Por outro lado, os alunos das escolas públicas, muitas vezes com condições socioeconômicas mais desafiadoras, enfrentam barreiras significativas para receber tratamentos especializados, mesmo quando a escola pública dispõe de recursos e profissionais qualificados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou investigar e analisar as práticas de ensino e o suporte oferecido às crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em escolas públicas e privadas do ensino fundamental I no Município de Campina Grande - PB.

Os resultados revelaram uma diversidade notável nas práticas de ensino entre as escolas públicas e privadas. Foi observado que, nas escolas públicas, os professores apresentaram um conhecimento mais sólido sobre o TEA e uma compreensão mais profunda das necessidades específicas dos alunos autistas. Além disso, essas escolas contavam com recursos mais robustos, incluindo materiais didáticos adaptados e apoio especializado. No entanto, ficou evidente que a falta de investimento impacta diretamente na implementação dessas práticas, criando desafios significativos.

Já nas escolas privadas, embora houvesse poucos recursos disponíveis e formações específicas limitadas, os alunos recebiam mais tratamento especializado fora do ambiente escolar. Essa constatação levanta questões sobre a complementaridade de recursos e a importância de parcerias entre as escolas e os serviços especializados externos.

Outro ponto destacado nos resultados é a constatação de que, independentemente do contexto escolar (público ou privado), a adaptação curricular para crianças autistas é, em grande parte, uniforme. As atividades e provas adaptadas surgiram como uma prática comum, sugerindo uma possível falta de diversidade e personalização nas estratégias de ensino. Esta descoberta sinaliza a necessidade de um enfoque mais abrangente e flexível na adaptação curricular, considerando as especificidades de cada criança autista, a fim de potencializar sua aprendizagem de maneira mais efetiva.

Em pesquisas futuras, pode-se explorar estratégias no que diz respeito à adaptação curricular, é crucial investigar métodos mais abrangentes que vão além das atividades e provas adaptadas. Abordagens mais individualizadas, considerando as habilidades, interesses e desafios específicos de cada aluno autista, podem contribuir para práticas educacionais mais inclusivas e eficazes.

Além disso, a pesquisa pode se estender para incluir a perspectiva dos próprios alunos autistas e de seus responsáveis, proporcionando uma compreensão mais holística das necessidades educacionais e do impacto das práticas adotadas. Em

suma, a continuidade dessas investigações é crucial para aprimorar as práticas educacionais, promovendo ambientes escolares mais acolhedores e efetivamente inclusivos para crianças autistas, independentemente do contexto público ou privado

REFERÊNCIAS

ABREU, Tiago. **O que é neurodiversidade?**. 1. ed. Cênone Editorial, 2022.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION – **APA. DSM 5**. Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fifth Edition. Washington, D.C.: American Psychiatric Association, 2013.

ARAUJO, Ana Gabriela Rocha; SILVA, Mônia Aparecida da; ZANON, Regina Basso. **Autismo, neurodiversidade e estigma**: perspectivas políticas e de inclusão. *Psicologia Escolar e Educacional*, [S.l.], v. 27, 2023.

AINSCOW, Mel. **Desenvolvendo a aprendizagem e a participação nas escolas**. 3a Edição, substancialmente revisada e ampliada. Traduzido por Mônica Pereira dos Santos e João Batista Esteves (LaPEADE). Rio de Janeiro: LaPEADE, 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

GRAVES, Kathleen. **Teachers as Course Developers**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

LALONI, Alessandra. **Educação inclusiva de crianças com TEA**: desafios e possibilidades. *Educação Especial*, v. 35, n. 1, p. 19-30, 2022.

LEMOS, Emellyne Lima de Medeiros Dias; SALOMÃO, Nádya Maria Ribeiro; AGRIPINO-RAMOS, Cibele Shirley. **Inclusão de crianças autistas**: um estudo sobre interações sociais no contexto escolar. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 25, n. 1, p. 111-126, 2019.

LIBERALESSO, Paulo; LACERDA, Lucelmo. **Autismo**: Compreensão e Práticas Baseadas em Evidências. 1. ed. Curitiba, 2020.

NEUROSABER. **O passo a passo para a inclusão da criança autista na escola.** Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/o-passo-a-passo-para-a-inclusao-da-crianca-autista-na-escola/>.

OLIVEIRA, Ana Flávia Teodoro de M. **Autistas e os espaços escolares adaptados.** Campinas: Mercado de Letras, 2020.

OLIVEIRA, Suely de Lemos Alves; TOMAZ, Edileuza Braz; SILVA, Robson José de Moura. **Práticas educativas para alunos com TEA:** entre dificuldades e possibilidades. Revista Educação Pública, v. 21, nº 3, 26 de janeiro de 2011.

SILBERMAN, Steve. **Neurotribes:** The Legacy of Autism and the Future of Neurodiversity. New York: Avery Publishing Group, 2015.

SIMÕES, Cláudia R. B. M. **Educação Inclusiva:** Com os Pingos nos Is. 1. ed. São Paulo: Editora XYZ, 2008.

SILVEIRA, Jader Luís da. **Abordagens Sobre Educação Inclusiva.** 1. ed. São Paulo: Editora XYZ, 2020.

WEIZENMANN, Luana Stela; PEZZI, Fernanda Aparecida Szareski; ZANONI, Regina Basso. **Inclusão escolar e autismo:** sentimentos e práticas docentes. Psicologia: Teoria e Prática, v. 18, n. 3, p. 104-114, 2016.

WHITE, Chris. **The Social Play Record:** A Toolkit for Assessing and Developing Social Play from Infancy to Adolescence. 1. ed. Londres: Jessica Kingsley Publishers, 2007.

WING, Lorna. **The autistic spectrum:** new updated edition. Londres: Robinson, 2002.

ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

1 - Você já teve algum tipo de formação ou treinamento específico para ensinar crianças autistas?

2- Como você se sente em relação a ensinar crianças autistas?

3 - Quais recursos específicos a sua escola dispõe para auxiliar no ensino de crianças autistas?

4 - Como você imagina que a escola poderia melhorar a disponibilidade e a utilização de recursos para apoiar o ensino de crianças autistas?

5 - Como você adapta seu currículo ou atividades para atender às necessidades individuais das crianças autistas em sua sala de aula?

6 - Como você promove a interação social entre as crianças autistas e seus colegas de classe?

7 - Os alunos com laudo têm um tratamento especializado fora do ambiente escolar?